Os dois nascimentos do homem
João Augusto Pompéia

Cap.7 A Terapia e a Era da Técnica (p.123 a 140)

Pontos de reflexão:
- Podemos dizer que a técnica é o que fundamentalmente caracteriza a nossa época. Esta é a época em que tudo pode ser produzido, em que tudo é factível, de maneira cada vez melhor e mais rápida e, por isso, tudo pode ser substituído por um modelo mais novo, mas só no que diz respeito aos artefatos, mas em todas as áreas.
- A técnica mantém o homem adequado àquilo que lhe é proposto nesta época: ser aquele que, diante da natureza, diante de tudo o mais que ele encontra, deve extrair dali algo que diga respeito à produção de algo. E, para que ele se sinta bem, até para que produza bem, a técnica produz e vende as informações que o tornam ciente da importância do descanso, do lazer, do aprimoramento cultural. Ela torna disponíveis no mercado os meios para que ele cuide de si, ou seja, de sua mente, de seu corpo, de sua vida social, de sua chamada vida pessoal.
- Pelo fato de ser tão eficiente na obtenção de resultados, a técnica representa um poderoso instrumento de controle das mais diversas situações, e ter o controle é ter o poder. Em todos os setores do mundo atual a técnica está presente, e não é mais possível imaginar o mundo sem ela.
- Como fica a terapia no mundo da técnica?

Obviamente, esse terapeuta compartilha o mesmo mundo da técnica, mas ele insiste em pensar que o ser humano tem uma destinação existencial que o distingue de todos os outros entes, ou seja, ele é chamado a ser o poder-ser que ele é. E esse poder ser não se limite a corresponder às solicitações feitas pela técnica, mas abre se para muito além disso.
- O que o terapeuta pode é ter o compromisso de percorrer com o paciente um caminho em que, juntos, se aproximarão da história vivida por ele, dos seus modos de ser consigo mesmo e com os outros, dos seus planos de futuro, do que tem constituído a sua vida, incluindo aí aquilo que ele procurou a terapia.
- O terapeuta não tem como proposta acabar com o problema do cliente e sim obedecer ao problema. Esta parece ser uma proposta estranha. Mas não se trata de obedecer como subordinação, mas de obedecer no sentido de dar ouvido ao problema. É importante dar ouvidos, ouvir de perto o que está nos dizendo aquilo que nos incomoda.
- Quando estamos angustiados temos que ter coragem para perguntar: Será que algum crescimento está se anunciando? Será que tenho que abandonar esse meu jeito de ser? Será que estou feliz com a minha vida? Será que isso que estou vivendo está fazendo sentido?
- Olhar de perto seu existir pode ser a oportunidade para que ele se dê conta de como seu jeito de ser, sua atitudes, o que ele faz e o que deixa de fazer repercutem no mundo; e também para que veja que nem tudo depende dele. Podendo se aproximar de si mesmo como uma história que está acontecendo, que está em aberto, é possível que surja um espaço para as perspectivas futuras.
- Podemos pensar em mudanças porque a perspectiva futura nos dá a possibilidade do depois. Podemos vir a ser diferente, podemos mudar o nosso projeto (temporalidade – tempo cronológico X tempo sentido)
- Todas essas possibilidades são pensadas no mundo.

Mundo é o horizonte das possibilidades de manifestação dos entes, e a configuração do nosso mundo atualmente é dada pela técnica. Não obstante, ainda que seja essa a sua configuração particular, ainda que as referências significativas desse mundo se cristalizem na técnica, mundo traz sempre consigo uma força de projeto.
- Apropriar-se de sua história é aceitá-la como sua, retomar e rever os significados e os sentidos vividos, do que está sendo vivido agora e poder ver que o tempo está sempre aberto
- O terapeuta não sabe quanto tempo será necessário para esse caminhar... Basta isso para vermos como essa concepção de terapia se afasta dos parâmetros do tempo da técnica.